

UNIESP
••• União de Escolas Superiores Paraíso •••

WWW.UNIESPMG.EDU.BR - (35) 3558 6261

ISEP
••• Instituto Superior de Educação Paraíso •••

UNIÃO DE ESCOLAS SUPERIORES PARAÍSO

A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

CARLA APARECIDA ELEOTÉRIO COIMBRA

ORIENTADORA: PROF^a FABIOLA DANTAS ANDRÉZ NOBRE

**São Sebastião Do Paraíso – MG
2009**

A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

CARLA APARECIDA ELEOTÉRIO COIMBRA

Monografia apresentada à UNIESP - União de Escolas Superiores Paraíso, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profª Fabiola Dantas Andréz Nobre.

**São Sebastião Do Paraíso – MG
2009**

A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2009

DEDICATÓRIA

À minha mãe pelo carinho, cuidado e apoio que têm demonstrado em todo tempo e em qualquer lugar.

“A você, que me deu a vida e me ensinou a vivê-la com dignidade, não bastaria um obrigada. A você, que iluminou os caminhos obscuros com afeto e dedicação para que os trilhasse sem medo e cheios de esperanças, não bastaria um muito obrigada. A você, que se doou inteira e renunciou aos seus sonhos, para que, muitas vezes, pudesse realizar os meus. A você, mãe por natureza, por opção e amor, não bastaria dizer, que não tenho palavras para agradecer tudo isso. Mas é o que me acontece agora, quando procuro arduamente uma forma verbal de exprimir uma emoção ímpar. Uma emoção que jamais seria traduzida por palavras”.

Em especial, a minha doce e querida filhinha Ivy por tudo de maravilhoso que ela me trouxe, me traz.....um verdadeiro anjo em minha vida.....minha LUZ de vida.....

AGRADECIMENTOS

A DEUS, por me acompanhar, entender, perdoar, em todos os momentos de minha vida.

À minha orientadora Professora Fabiola Dantas Andréz Nobre que com sua incomum sabedoria, foi muito mais do que uma revisora, sua pessoa prestou imensa colaboração nesta monografia.

A sexualidade é extremamente importante em todas as fases do desenvolvimento humano. É uma necessidade básica do ser humano, que não pode ser dissociada de sua vida, pois envolve sentimentos, pensamentos e ações. Por ser história e cultura, a compreensão da sexualidade humana é dinâmica e mutável. Portanto, não só no mundo adulto, como também no infantil, o tema sexualidade tem singular importância.

Kelly Cristina Silva.

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – ASSIM CAMINHA A SEXUALIDADE.....	10
1.1 PRELIMINARES SOBRE A SEXUALIDADE.....	11
1.2 OS ESTÁGIOS PSICOSSEXUAIS SEGUNDO FREUD.....	15
CAPÍTULO II – OS PAIS E A SEXUALIDADE INFANTIL.....	31
CAPÍTULO III – A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA.....	44
CONCLUSÃO.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXO: Sugestão De Materiais Didáticos Para Se Trabalhar A Sexualidade Na Educação Infantil E No Ensino Fundamental.....	59

RESUMO

A sexualidade infantil ganha cada vez mais espaço nas discussões e estudos científicos. Esta é fundamental na formação da personalidade do indivíduo, pois é considerada necessidade básica do ser humano, estritamente relacionada aos pensamentos e ações. Orientar sexualmente não significa informar. A simples passagem de informações, embora muito relevante e de fundamental importância para o processo educativo, não se constitui, em si mesma, nesse processo. Fornecer informações sobre determinados fatos não é, isoladamente, um processo de orientação ou educação, embora possa fazer parte do processo. Informar é uma atividade de ensino, de instrução, e não de orientação, ao menos enquanto a informação for passada isoladamente, pois a informação não muda comportamentos. A orientação sexual implica num mecanismo mais elaborado, segundo o qual, baseia-se em experiências e em conhecimentos. O orientador pode ajudar o orientando a analisar as diferentes opções disponíveis sobre a sexualidade, tornando-o, assim, apto a descobrir novos caminhos. Justificou-se a pesquisa pelo fato de vivenciar o tema em casa e querer informar que a sexualidade não é um bicho de sete cabeças. Portanto, o objetivo geral do presente trabalho foi mostrar como se deve trabalhar a sexualidade na Escola de maneira natural, como através de atividades sugeridas e bem elaboradas. Para desenvolver este estudo foram realizadas pesquisas através de um levantamento bibliográfico, em que foram consultados livros, revistas, artigos na Internet que tratam do assunto.

INTRODUÇÃO

Atualmente, têm-se realizado muitos estudos a respeito da sexualidade humana, pois essa é extremamente importante em todas as fases do nosso desenvolvimento. A sexualidade tem grande relevância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos.

Sendo a escola um lugar de curiosidades, sonhos, medos, idéias, aprendizagem, conquistas, descobertas, esta não pode excluir as manifestações da sexualidade e, sim criar um espaço de discussão aberta e franca sobre ela, deixando de lado os próprios preconceitos, permitindo que cada um se mostre como é: com suas dúvidas, conflitos e medos. A escola é quem detém os meios pedagógicos necessários para a intervenção sistemática sobre a sexualidade, de modo a proporcionar a formação de uma opinião mais crítica sobre o assunto, permitindo, assim, a satisfação e os anseios dos alunos. A família seria a instituição a qual a criança inicia a sexualidade, pois desde bebês sentimos prazer em tocar o próprio corpo e descobrir as diferentes sensações que ele nos proporciona. Fingir que as crianças não passam por esse processo é negar a realidade. É por isso que a escola e a família devem ajudar a construir nos pequenos uma visão sem mitos nem preconceitos sobre a sexualidade.

Freqüentemente os educadores deparam-se com situações ligadas à sexualidade no âmbito escolar. Qualquer atitude pelos professores tomada, seja silenciar o fato, ignorar, repreender ou esclarecer, repercute na visão da criança a

respeito do conceito de sexualidade. O educando vê no adulto, no caso específico da escola, no professor, um modelo de comportamento em relação à sexualidade.

Mas, como está sendo atualmente a orientação da sexualidade das crianças na Escola?

Assim, no presente trabalho será estudada tal questão, mas tendo como objetivo geral do presente trabalho mostrar como se trabalhar a sexualidade na Escola.

Desta forma, justifica-se a pesquisa pelo fato de querer revelar através de maneiras como a sexualidade pode ser trabalhada sem ser um “bicho de sete cabeças” quando se age com naturalidade, pois todo o ser vivo passa por essa evolução.

O trabalho será dividido em três capítulos:

- Preliminares da sexualidade abarcando o assunto desde os primórdios até os dias atuais;
- Como os pais trabalham a sexualidade com os filhos e como deveriam trabalhar;
- Como a Escola, através dos educadores tem se atuado em relação a orientação sexual das crianças, e como deveria se comportar, trabalhar através de atividades dinâmicas, gostosas, fáceis de entender tema tão delicado.

1 ASSIM CAMINHA A SEXUALIDADE

A orientação sexual deve ser feita com afeto.

(Gentile, 2006, p. 22)

Antes de estudar qualquer assunto relacionado a orientação sexual na escola, há de se estudar sobre a sexualidade. Os caminhos que ela percorre, ou seja, as fases que os seres humanos passam dentro desse processo da sexualidade.

A sexualidade, entendida a partir de uma visão mais ampla e abrangente, sempre teve uma influência importante em todas as manifestações da vida do ser humano.

Nunes (1997, p. 19) aponta que,

durante a maior parte da história da humanidade, essa influência foi negada, especialmente entre todos os povos ligados às tradições judaico-cristãs. O fato curioso é de que na tradição bíblica mais antiga, aproximadamente 950 a.C., não existe nenhum desprezo pela natureza sexual do homem.

Para Louro (1997, p. 28), “o século XX assistiu a mudanças importantes, no que se refere aos padrões de enfoque da sexualidade e dos comportamentos sexuais”.

Embora ainda exista repressão ao tratar da sexualidade, de maneira geral, vem sendo gradativamente melhor compreendida. Grande parte dessa mudança é devida à divulgação das idéias de Freud (2000), psicanalista austríaco, que pela

primeira vez afirmou a existência da sexualidade na infância, correlacionando-a com as fases de desenvolvimento da criança.

Suas declarações foram muito contestadas pela sociedade da época, 1897, que relacionava a ausência da sexualidade à pureza e inocência.

1.1 Preliminares Sobre A Sexualidade Na Visão De Freud

A psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939) surge no centro da modernidade vienense, em que, a sociedade possuía valores culturais severos originários de uma moral rígida que não permitia a satisfação de alguns sentimentos.

Portanto, foi Freud (2000) o primeiro a fornecer um quadro claro da grande importância que tem, para a vida de todo ser humano e desenvolvimento psíquicos e sexuais, a relação com outras pessoas.

Segundo Nunes (1997, p. 28),

a primeira delas é naturalmente, “a relação da criança com os pais, relação esta que, a princípio, na maior parte dos casos se restringe principalmente à mãe ou à sua substituta. Um pouco mais tarde surge a relação com os irmãos, ou outros companheiros próximos, e o pai.

Freud (2000) relata que as pessoas às quais a criança se apega em seus primeiros anos ocupam a posição principal em sua vida psíquica que é singular no que se refere a sua influência. Isto é certo, quer o apego da criança a essas pessoas seja por laços de amor, de ódio, ou ambos, sendo o último caso o mais comum.

Nos estágios iniciais da vida, a criança não percebe os objetos (chupeta, mamadeira, chocalho) como são, mas só gradativamente, ao longo dos primeiros meses de seu desenvolvimento, aprende a distinguir sua própria pessoa dos mesmos. Também entre os objetos mais importantes da infância, se incluem as

várias partes do próprio corpo da criança, isto é, seus dedos, artelhos e boca. “Todos eles são importantes como fonte de gratificação, razão pela qual se admite que sejam altamente catequizados pela libido” (NUNES, 1997, p. 28). Para se ser mais preciso, deve-se dizer que os representantes psíquicos dessas partes do corpo da criança são altamente catequizados, já que não mais se acredita, que a libido seja como um hormônio que se pode transmitir a qualquer parte do corpo e lá se fixar. A este estado de libido autodirigida Freud (2000), em 1914 denominou de narcisismo, segundo a lenda grega do jovem Narciso, que se enamorou de si mesmo.

Os primeiros objetos da criança são chamados de objetos parciais¹. Com isto significa-se, por exemplo, que só depois de muito tempo a mãe existe para a criança como um objeto total².

Segundo Ribeiro (1990, p. 56),

antes disso, seu seio, ou a mamadeira, sua mão, seu rosto consistiam, cada um, objetos separados na vida mental da criança, e pode bem ser que mesmo aspectos diferentes do que fisicamente constitui um único objeto seja também, para a criança, objetos distintos, e não unidos ou relacionados. Só se desenvolve uma relação de objeto contínua na última parte do primeiro ano de vida.

Novamente Ribeiro (1990, p. 56) declara que,

Não se pode esquecer de relatar que uma das características importantes dessas primeiras relações de objeto é seu alto grau do que se chama ambivalência. Quer dizer, sentimentos de amor pode-se alternar em igual intensidade com sentimentos de ódio, segundo as circunstâncias.

Louro (1997, p. 29-30), destaca que,

As primeiras fases das relações de objeto são sempre designadas como relações de objeto anais ou orais. Na literatura psicanalítica, as relações de objeto da criança denomina-se conforme a zona erógena que, no momento, esteja desempenhando o papel mais importante na vida libidinal da criança.

¹ Objetos parciais: Seria o seio materno ou a mamadeira.

² Objeto total: Seria somente a mãe, e não mais o seio ou a mameadeira.

É chamada de zona erógena a determinada parte do corpo onde a energia sexual se focaliza, por exemplo, a boca da criança na Fase Oral. Portanto, nesta fase a zona erógena está situada na boca.

A sexualidade infantil difere da do adulto em diversos aspectos:

- A diferença que mais impressiona situa-se no fato da maior excitação não se localizar, necessariamente, nos genitais, mas no fato de que os genitais, a bem dizer, desempenham a parte de “*primus inter pares*” entre muitas zonas erógenas.
- Diferem os objetivos: não levam, necessariamente, ao contato sexual, mas alonga-se em atividades que vêm a desempenhar papel, futuramente, no pré-prazer. A sexualidade infantil pode ser ato-erótica, ou seja, tomar para objeto o próprio corpo ou partes deste. Os componentes que se dirigem para os objetos possuem traços arcaicos (objetivos de incorporação, ambivalência). Quando um instinto parcial é bloqueado, reforçam-se, correspondentemente, instintos parciais “colaterais” (LOURO, 1997, p. 31).

Como retrata Ribeiro (1990, p. 55), “a criança pequena é uma criatura instintiva, cheia de impulsos sexual, cheio de uma sexualidade total ainda indiferenciada, a qual contém num só todos os instintos parciais”.

Freud (apud LOURO, 1997, p. 32) sugeriu que se distinguíssem dois tipos de excitação: “uma que é evocada por estímulos externos, preceptivos, descontínuos; outra que resulta de estímulos instintivos contínuos, dentro do organismo”. Toda a percepção, todos os estímulos sensoriais, quer se origem fora, quer se origem dentro do organismo, têm “caráter provocativo”, isto é, provocam certo impulso à ação.

O papel excepcional que o deslocamento da energia dá aos instintos sexuais foi o ponto de que Freud (2000) partiu na sua primeira classificação dos instintos, pelo fato de haver notado que os neuróticos se sentiam mal porque reprimiam certas experiências e que estas experiências sempre representavam desejos sexuais. “As forças que combatiam os desejos sexuais eram a angústia, os sentimentos de culpa, ou idéias éticas e estéticas da personalidade; forças estas contra-sexuais que se podiam sumarizar como instintos do ego” (LOURO, 1997, p. 35).

Existe a formação de um conflito estrutural onde

o ego³ rejeita, certas exigências do id⁴; e, com base no conceito de ser o ego uma camada superficial diferenciada do id, já não se pode sustentar a esperança de que o ego abrigue, inatamente, outros instintos que não estejam presentes no id. Ainda que as energias instintivas sejam tratadas no ego de modo diverso do que o são no id, há de admitir-se que o ego deriva a sua energia do id, não contendo, primariamente, outros tipos de instintos (RIBEIRO, 1990, p. 56).

Em outras palavras: no id o bebê busca a gratificação de suas necessidades de maneira bastante direta, não é capaz de retardar a gratificação, quer o que quer quando quer. O instinto básico que busca a gratificação permanece como uma parte da personalidade; mas como a gratificação freqüentemente pode ser conseguida com mais sucesso através do planejamento, fala, espera e outras técnicas do que através da urgência do instante, a criança gradativamente transfere energia do id para o ego. “No ego a criança ainda continua tentando conseguir o que quer, mas agora busca a gratificação de seus desejos, usando estratégias baseadas na realidade” (RIBEIRO, 1990, p. 57).

Embora as fases estejam distintamente descritas, é extremamente enganoso imaginar que elas ocorram absolutamente isoladas, pois podem se sobrepor, assim como jamais serão completadas superadas, sendo observado na fase adulta, comportamento que comprova a existência das fases da sexualidade infantil, o que na maioria dos casos ocorre nas neuroses.

Pode-se dividir a sexualidade pré-adulta, de modo geral, em três períodos principais:

o período infantil, o período de latência e a puberdade. Atualmente se conhece muito bem o começo e o fim do período infantil, mas o que se está situado no meio ainda requer muita pesquisa. É possivelmente neste período intermediário que ocorrem variações acidentais de importância

³ Ego= É a parte da personalidade que planeja, organiza e pensa (BEE, 1986, p. 258).

⁴ Id= É o reservatório da energia instintiva pura e sem inibição. O id era tudo o que estava presente ao nascimento (BEE, 1986, p. 257).

maiores que as que se dão nas fases inicial e terminal (RIBEIRO, 1990, p. 58).

1.2 Os Estágios Psicosexuais Segundo Freud

Freud (2000) dividiu o desenvolvimento sexual do ser humano em diferentes fases, conforme os órgãos e objetos que proporcionam prazer e a relação que o indivíduo estabelece com os mesmos.

Bee (1986, p. 257) destaca que,

ao nascer o ser humano traz impulsos inconscientes em busca do prazer. Os impulsos naturais (id) são manifestações de uma tenência inata, cuja causa é a libido ou energia sexual.

A sexualidade é reconhecida como um instinto com o qual as pessoas nascem e que se expressam de formas distintas de acordo com as fases do desenvolvimento sexual.

Eis as fases do desenvolvimento sexual segundo Freud:

Fase Oral (0 a 1 ano) –

De acordo com Bee (1986, p. 259), “o primeiro contato do bebê com o mundo é através da boca e desta maneira tem grande sensibilidade”. Freud (2000) enfatizou que a região oral, como a boca, a língua e lábios, torna-se o centro de prazer para o bebê. Sua primeira ligação afetiva é com o que lhe proporciona prazer na boca, geralmente sua mãe.

É através da boca que

o bebê descobre o mundo, explorando objetos e partes do corpo. Os cuidados com segurança e limpeza são essenciais para que a curiosidade seja saciada sem afetar a saúde (MARTINS, 2008, p. 45).

Portanto, é pela boca que a criança começará a provar e a conhecer o mundo externo.

Para Bee (1986, p. 259), “o bebê, logo após seu nascimento, sente prazer na sucção do seio materno e no vazio que sente quando retira a boca do seio”. Seu gozo é inconsciente, agarrando-se ao seio materno com satisfação, olhando para os olhos da mãe durante este momento, tendo o fator alimentar se estabelecido como desejo secundário. Desta forma, a criança chupa tudo o que encontra, os dedos, lápis, o ombro da mãe, só pelo prazer da sucção. Este é o primeiro momento, no qual tudo que a criança encontra é levado à boca, visando à apreensão em si mesma, numa relação incorporativa do mundo que a cerca.

O seio e a mamadeira são os primeiros objetos de prazer que a criança tem contato, à medida que saciam a fome que causa tensão no organismo. A criança procurará repetir a sensação prazerosa de satisfação que ocorre com a alimentação, tentando reproduzi-la, independentemente da necessidade fisiológica, levando à boca todos os objetos que estiverem disponíveis: dedo, chupeta, chocalho, fraldas, etc. (RIBEIRO, 1990, p. 58).

Assim, Freud (apud PEREIRA, 2003, p. 32) mostrou que

quando a sucção produz prazer, é combinada a fricção de certas partes do corpo, como a orelha, umbigo ou os genitais externos, sendo estes atos caracterizado como o movimento precursor que leva a criança a praticar a masturbação.

O fenômeno auto-erótico de chupar o polegar mostra que o prazer que se obtém do seio ou da mamadeira não se baseia só na gratificação da fome, mas também na estimulação da mucosa oral erógena; se não fosse assim, a criança retiraria, desapontado com o polegar, visto este não produzir leite. Segundo Pereira (2003, p. 35),

aí a excitação sexual apoiou-se, originalmente, na necessidade de alimento; tal qual, a excitação sexual primeira também se apoiou noutras funções fisiológicas, na respiração e sensações cutâneas, nas sensações de defecar e urinar.

É através da busca do alimento no seio da mãe que o bebê sente prazer, mas não pelo alimento em si, pois quando ele também chupa o polegar, alguma outra coisa ele se satisfaz no sentido do prazer.

Em um segundo momento da Fase Oral, paralelo aos sofrimentos da dentição, a criança manifesta uma pulsão agressiva, destrutiva, mordendo tudo que vier à boca. “É desse momento de agressividade, frente ao objeto amoroso, que a criança extrairá subsídios afetivos para futura combatividade social” (PEREIRA, 2003, p. 35).

Desta forma, para a criança, amar significa incorporação oral e o mastigar atualiza fantasias destrutivas.

O que deve realmente ocorrer nesta fase é o desenvolvimento da sexualidade humana que deve começar com o toque, o contato físico, quando os bebês são segurados, acariciados, pois precisam se sentir aconchegados, somente assim terão mais chance de amadurecer a capacidade de ter intimidade física e gozo. A proximidade física e mental dos pais cria no bebê uma sensação de segurança e amor e, o desenvolvimento afetivo-sexual da pessoa será resultado da combinação do componente biológico com o ambiente em uma visão de influência mútua. Para Ribeiro (1990, p. 58),

o desenvolvimento do bebê depende da relação entre a capacidade psíquica da mãe de dar amor e continência ao bebê e da capacidade psíquica dele mesmo, de tolerância à frustração, por exemplo.

A auto-exploração é uma experiência fundamental para o desenvolvimento saudável da sexualidade. Antes do primeiro ano, a criança aprende a brincar e ter prazer com o próprio corpo. “São os sentimentos sexuais que podem aparecer quando o bebê é higienizado ou alimentado” (RIBEIRO, 1990, p. 58). Olhos, pele, boca, paladar, olfato e órgãos genitais integram um complexo nervoso, que tem

conexões com centro sexual do cérebro, responsável pela reação involuntária de excitação. Isto não prejudica nem estimula inadequadamente o bebê. O bebê encontra prazer com o seu corpo, geralmente essa descoberta é feita por acaso e é uma experiência que faz parte do processo de sexualização do ser humano. Esta será prejudicial caso a criança for punida e se sentir culpada por esta atividade natural.

Um bom desenvolvimento dessa fase resulta num modelo afetivo saudável. De acordo com Freud (apud RIBEIRO, 1990, p. 59),

uma frustração na Fase Oral estabelecerá a preponderância da agressividade e da destrutividade do objeto amoroso e de determinadas características da personalidade do indivíduo”. Adultos que, por alguma razão, foram privados quando crianças da Fase Oral poderão ter o hábito de chupar o dedo, levar objetos à boca, serem fumantes, bebedores, comilões, toxicômanos.

Com mais propriedade retrata Mayle (1999, p. 12):

Algumas manifestações de neuroses orais são: beber e comer em excesso, problemas da linguagem e fala, agressão com palavras (correspondendo ao morder), xingamentos, gozações, escrúpulos exagerados para não “incomodar”, desejo inconsciente de se instalar e desalojar todas as pessoas, incapacidade de aceitar favores e receber presentes. O afã de saber, o estudo de idiomas, o cantar, a oratória, a declamação, são exemplos de sublimação das tendências orais.

Ao se estudar a fase oral de modo mais impetuoso é possível perceber no dia-a-dia a importância, para a criança dessa idade e mesmo mais velhas, de atos como sugar, pôr coisas na boca e morder, como fonte de prazer.

Desta maneira, se as necessidades forem satisfeitas, a pessoa poderá crescer de maneira psicologicamente saudável; se não o forem, seu ego será imperfeito ocasionando uma série de neuroses, citadas acima.

Fase Anal (2-3 anos) – Trata-se da segunda fase do desenvolvimento da sexualidade. A libido passa da organização oral, gradativamente, sem

evidentemente abandoná-la de todo, para a Fase Anal, aproximadamente entre dois a três anos de idade. A zona do ânus passa a ter uma importância significativa, paralelamente ao aprendizado do asseio esfinteriano. A mãe passa de nutridora incondicional da Fase Oral à exigente disciplinadora dos hábitos de higiene, criando um sentimento de ambivalência da criança em relação a ela.

Segundo Suplicy (1993, p. 29),

As fezes passam a ter então um valor simbólico, constituindo-se no primeiro produto que a criança oferece ao mundo - que efetivamente lhe pertence - é uma produção própria. É através desse produto que a criança cria uma fantasia de valor simbólico das fezes. No ambiente seguro para a criança, as fezes passam a representar um presente a ser ofertado aos pais; quando, ao contrário, o ambiente é hostil e exige uma disciplina rígida quanto aos hábitos de higiene, a criança se recusa a oferecer as fezes ao mundo externo, ou seja, sua produção, seu presente. Doar seu produto no momento em que é solicitado torna-se uma maneira de presentear à mãe, ao contrário, a recusa é uma resposta negativa frente ao desejo materno.

Neste período “é fundamental que os pais evitem demonstrar atitudes de repressão ou de desagrado aos produtos da criança, que ela sente como criação pessoal” (SUPLICY, 1993, p. 29).

Aqui no caso, os produtos são as fezes e a urina, pois nesta fase a criança está sendo ensinada a controlá-las, sua atenção se focaliza no funcionamento anal. Por isso, a região anal torna-se o centro de experiências frustradoras e compensadoras.

Os pais aprovam e recompensam a criança por uma defecação no local e momento adequados, e procuram desestimular a mesma atividade em circunstâncias inadequadas. “Sensações de prazer e desprazer associam-se tanto com a expulsão como com a retenção das fezes, e esses processos fisiológicos, bem como as fezes em si, são objetos do mais intenso interesse da criança” (SUPLICY, 1990, p. 62). Se, durante este segundo estágio, sobrevierem muitas

frustrações, devidas a um treino excessivamente severo do controle dos esfíncteres, o ego poderá ser prejudicado em seu desenvolvimento. Desta maneira,

as crianças que foram obrigadas a defecar por meio de ordens, quando adultas apresentam acentuada tendência a terem seus problemas solucionados por outras e tendem a realização de várias atividades simultaneamente, que se manifesta numa obsessão à leitura durante a defecação (KAPLAN, 2003, p. 78).

Psicanalistas atribuem a avareza, a exagerada preocupação com a limpeza e a meticulosidade no adulto a frustrações ocorridas na fase anal. Esses traços constituem a chamada personalidade anal. “Ao atingir o controle esfíncteriano, a criança descobre a noção de seu poder, da sua propriedade privada — as fezes que ela oferece ou não quando ela quer” (KAPLAN, 2003, p. 78). Esse símbolo se desdobrará ao longo da vida no dinheiro, nos objetos preciosos, no controle, na posse, entre outros. Segundo Freud (apud KAPLAN, 2003, p. 78), “uma vivência negativa nessa fase tornará o sujeito exigente, manipulador, controlador, obsessivo por limpeza e arrumação, mesquinho em relação à suas posses”.

O adulto avarento ou sovina, isto é, o que tem prazer no acúmulo e guarda de bens, pode ter-se originado da experiência ao reter as fezes quando estava na fase anal. A exagerada preocupação com a limpeza e a ordem tem sido relacionada com exigências excessivas de limpeza que os pais fazem às crianças nessa idade.

E para finalizar a fase em comento retrata-se que:

Quando a criança tem uma educação de higiene pessoal prematura, o indivíduo posteriormente quando adulto poderá ter um comportamento hostil e rebelde. Porém em seu aspecto formal apresenta-se asseado, obediente, passivo e medroso. Quando a criança tem uma educação de higiene tardia, o indivíduo tenderá a ser desasseado, desleixado e irresponsável. Quando tem uma educação no momento adequado, o indivíduo terá inconscientemente um sentido normal do poder, e conscientemente uma atitude adequada diante da sujeira e da limpeza (KAPLAN, 2003, p. 79).

Nessa fase também “surgem as primeiras perguntas sobre sexualidade e é um bom momento para trabalhar as diferenças entre os homens e as mulheres, a partir de respostas simples” (SUPLICY, 1990, p. 62).

A Fase Fálica (3-5 anos) – acontece entre os 3(três) ou 4(quatro) anos de idade em que observa-se outra mudança na área de erotização da criança, da região anal para a zona erógena genital. Há uma base maturacional para a mudança; é nesta fase que a criança começa a ter sensações de prazer com a estimulação da área genital. Um sinal deste aumento de prazer genital é de que as crianças de ambos os sexos, muito naturalmente, começam a se masturbar.

Segundo descrito por Kaplan (2003, p. 81),

A “masturbação”, ou seja, a estimulação dos genitais próprios para obtenção do prazer sexual é normal na infância; nas condições culturais atuais, também é normal na adolescência e até na idade adulta como substituto quando não se dispõe de objeto sexual. Se um indivíduo cujas atividades sexuais são bloqueadas por circunstâncias exteriores se recusa a usar deste expediente, a análise sempre revela medo inconsciente ou sentimento de culpa na raiz da inibição.

Como destaca Suplicy (1990, p. 63),

é nesta fase que desperta nas crianças de ambos os sexos o desejo de ver os genitais umas das outras, bem como mostrar os seus, incluindo neste ato de curiosidade de exibicionismo outras partes do corpo e também outras funções corporais.

A micção é também um componente da sexualidade infantil, denominado de erotismo uretral. O garoto é despertado em divertir-se no dimensionamento do jato de urina, onde se encontra a raiz com a preocupação futura com a força, com a competição, com o poder, com o desejo de ser maior, mais poderoso e mais importante.

De acordo com Freud (2000), entre os 24 e 30 meses a criança passa pela chamada fase pré-edipiana, quando começa a perceber as diferenças anatômicas

entre os sexos (final da Fase Anal). Neste momento os meninos e as meninas acreditam que todos os seres humanos são ou deviam ser providos de pênis; deste ponto “descobrem” que o mundo se divide em homens e mulheres, em seres com pênis e sem pênis.

Portanto, segundo Kupfer (1989, p. 38), “nesta fase, em que os filhos pequenos estão preocupados com seus genitais, é importante evitar brincadeiras agressivas tais como: ‘Vou pegar o seu pênis...’”

A Fase Edipiana se inicia propriamente aos 36 (trinta e seis) meses. É uma fase que apresenta características marcantes e específicas para os meninos e meninas, onde obedecem a processos de identificação com seu pai ou sua mãe. Por este período ser tão marcante no sentido de que a criança se identifica com o sexo oposto dos progenitores (mãe ou pai), o que aconteceria se ocorresse neste período a ausência do pai.

Freud (apud BEE, 1986, p. 261) explica:

Freud considerava que o impacto poderia ser substancial, até devastador. Ele considerava que o dano poderia ser particularmente maior se a perda do pai ocorresse no período edipiano e seria maior para os meninos. A menina ainda tem a mãe com quem se identificar; por isso, ao menos sua identificação de papel sexual seria adequada. Mas o menino, sem o pai, pode não passar pelo processo de identificação apropriado e pode acabar com uma orientação de papel sexual confusa e, talvez, com um superego⁵ fraco.

Portanto, nesta fase ocorre a preferência pelo genitor do sexo oposto. Neste momento a menina sentirá uma especial atração por seu pai e o menino por sua mãe. “É uma atração que acarreta uma certa dose de sofrimento e angústia para as crianças, porque a própria escolha ou preferência por um dos pais gera culpa em relação ao outro” (BEE, 1986, p. 261).

⁵ Superego= A consciência, parte da personalidade proposta por Freud e que se desenvolve em função do processo de identificação. O superego contém os valores e atitudes parentais incorporados pela criança (BEE, 1986, p. 270).

A menina identifica-se com sua mãe e quer tomar o seu lugar, fantasiando até mesmo que pode “ter um filhinho com seu papai”. Do mesmo modo, o menino identifica-se com o pai e deseja ser “ele”, ou seja, fantasia ter como parceira a própria mãe. Para Suplicy (1990, p. 56), “essa situação provoca uma intensa mobilização emocional da criança, porque ela percebe que tem desejos e pensamentos perigosos e proibidos”.

A resolução bem sucedida da fase edipiana, com a identificação com o pai adequado, é crítica para o desenvolvimento saudável. “Qualquer condição familiar que tenda a alterar o processo de identificação pode criar problemas reais” (BEE, 1986, p. 260). Por exemplo, se a mãe é mais poderosa que o pai, dentro da família, isso pode criar problemas para o menino, que poderia então não ter medo suficiente do pai que o leve a uma identificação forte. E se não há a figura do pai — como nas famílias divorciadas — isso pode afetar tanto o menino quanto a menina.

De acordo com Freud (2000), o evento mais importante durante o estágio fálico é o conflito edipiano. Abaixo ele descreve a seqüência de eventos no desenvolvimento mais para os meninos do que para as meninas:

A teoria sugere que primeiro o menino torna-se intuitivamente consciente de sua mãe como um objeto sexual. Como isso ocorre, precisamente, não é explicado por completo, mas o ponto importante é que o menino de aproximadamente 4 anos começa a ter um tipo de ligação sexual com sua mãe e considera seu pai como um rival. O pai dorme com sua mãe, abraça-a e beija-a e geralmente tem acesso ao corpo dela de um modo que ele não tem. O menino também vê seu pai como uma figura poderosa e ameaçadora, com poder de castrá-lo. O menino fica entre o desejo de possuir a mãe e o medo do poder de seu pai. O resultado desse conflito é a ansiedade. Como o menino consegue lidar com essa ansiedade? O menino responde com um processo denominado identificação. Tentando tornar-se tão parecido quanto possível com seu pai o menino pode sentir que ele também tem algum poder de seu pai. Freud fala do processo de identificação como sendo a ‘incorporação’ das qualidades do pai. É este pai interno, com seus valores e julgamento moral, que forma parte do superego ou consciência da criança. Supõe-se que ocorra um processo paralelo das meninas, embora nem Freud, nem seus seguidores tenham sido capazes de explicar como ocorre. Supostamente, a menina vê sua mãe como uma rival sexual nas atenções de seu pai, mas o medo que ela sente de sua mãe é menor (talvez porque ela assume que já é castrada). Como resultado,

considerando que a ansiedade da menina é mais fraca, sua identificação também é supostamente mais fraca (apud BEE, 1986, p. 260).

:

Além de Helen Bee (1986) que explica Freud (2000, tem-se a versão de Brenner (2005, p. 43):

Esta fase é marcada pelo interesse sobre a diferença anatômica, isto é, sobre os genitais. É marcada também por um momento decisivo para a formação do sujeito - "O Complexo de Édipo". As curiosidades sobre as diferenças entre os meninos e as meninas se voltam para o órgão sexual masculino. O pênis, por ser visualmente destacado, passa a ter um significado de referência. O menino, que possui o pênis, encara a falta na menina como uma ameaça à sua integridade física. A fantasia de que todos são iguais e que, por algum motivo, as meninas foram punidas e castradas, leva o menino a temer a castração. Já a menina, a priori, encara a diferença como uma perda irreparável. O clitóris representa para ela o pênis não desenvolvido, que foi castrado. Surge, nessa fase o "Complexo de Castração".

O Complexo de Castração está ligado ao núcleo do Complexo de Édipo e surge como uma ameaça real ou fantasmática de castração. O menino teme ser castrado pelo pai a quem ele ama e odeia. O ódio está diretamente ligado ao relacionamento especial que a figura paterna mantém com seu objeto de amor - a mãe. A autoridade do pai interpõe-se na relação amorosa do menino com a mãe – na angústia de ser castrado pelo pai, como castigo do seu desejo pelo objeto amoroso proibido. O caminho da menina é diferente, pois ela entra no Complexo de Édipo, ou seja, no triângulo amoroso mãe-pai-filho, não com o temor da castração, pelo desejo do objeto proibido (a mãe), como acontece com o menino, e, sim, já castrada, procurando o pênis do pai, o falo, que é o representante do poder, onde reside em última instância o desejo da mãe. A menina, sentindo-se castrada desse poder, vai em busca na direção do pai. A menina, então, introjeta os valores femininos imitando a mãe para seduzir o pai. Em busca do que falta a ela e à mãe, acaba por identificar-se com a figura feminina. O declínio do Complexo de Édipo na menina é mais complicado.

Podem aparecer sintomas de insônia, agressividade, irritabilidade. Como traz Suplicy (1990, p. 56), “esses comportamentos representam à forma que a criança tem de expressar o conflito criado por sua fantasia que se intensifica na medida em que é guardada como segredo”.

Os sintomas, com o tempo, vão diminuir de intensidade, até desaparecerem. A criança começa a compreender que sua fantasia jamais será realizada. “É um momento muito delicado e é aconselhável que os adultos sejam extremamente cuidadosos com os pequenos, não rejeitando seu afeto, mas colocando limites

nesse contato infantil sedutor” (SUPLICY,1990, p. 58). É muito comum as crianças tentarem beijar seus pais na boca, como se estivessem participando de uma novela. Portanto, é uma ótima oportunidade para os pais definirem muito bem a realidade, mostrando aos pequenos a diferença entre marido e esposa, entre pai e filha e mãe e filho. Existem atividades como dormir juntos e beijar na boca que são restritas ao casal. Freud (2000) retrata que a fase genital vai até os 6 (seis) anos de idade. É uma fase complexa em que a criança pode passar com cicatrizes que a acompanharão até na fase adulta, mas extremamente importante para o desenvolvimento da mesma.

A sexualidade como se pode sentir, é um assunto delicado e envolvente, portanto merece o cuidado dos pais e educadores. O importante é saber que os conflitos psicológicos são inevitáveis, ou seja, não há como evitar a passagem pelo complexo de Édipo, não há como evitar o sentimento de castração, isto é, o sentimento de perda ou de falta. Esta é uma travessia necessária para o crescimento e para a definição das crianças como seres sexuados.

Como mostra Martins (2008), além de tudo que foi retratado por diversos autores, nesta Fase ainda ocorre o seguinte:

- A criança de 3 (três) anos fala muito sozinha e sua imaginação corre solta. Nas culturas “civilizadas”, em que as pessoas usam roupas, a criança pequena ainda não entende por que usa maiô ou calção na praia mas não pode sair de casa com cueca ou calcinha. Nessa idade as meninas experimentam urinar em diferentes posições, perguntam por que seu corpo não é igual ao dos meninos.
- Os amigos passam a ter importância, apesar de a criança continuar briguenta e autoritária. A criança tem muita energia e fala sem parar, o que exige dos adultos que cuidam dela muita firmeza. O vocabulário é rico, pergunta muito, é

extremamente curiosa, curiosidade esta que a faz destruir os brinquedos e perguntar de onde vêm os bebês e como o corpo delas funciona.

- É normal dizerem que têm namorado. Como as crianças ainda misturam realidade com fantasia, suas explicações sobre os fatos tendem a misturar estas duas idéias. É o melhor momento para apresentar com clareza os valores e limites de comportamento que acham importantes para a família, crianças criadas sem limites ficam inseguras e inconvenientes para o convívio social.

- Convém alertar que a criança, nesta idade, presta muita atenção a linguagem corporal. A reação dos adultos às cenas de televisão, o tom de voz com que o sexo é discutido, os olhares trocados quando o assunto aparece — tudo entra na compreensão infantil e dá forma a suas fantasias sexuais.

Como destacado no capítulo em estudo, para Freud (2000) e seus adeptos, os aspectos extremamente significativos de nosso desenvolvimento sexual e seu foco são determinados durante os primeiros anos de nossa vida. Práticas inadequadas de educação das crianças resultarão em prejuízo para o seu ajustamento quando adultos. Desta forma, a personalidade adulta é grandemente afetada pelas experiências emocionais da infância ou, em outras palavras, pela qualidade da interação entre a criança e os adultos significativos para ela.

Fase de Latência (6 – 12 anos) – Freud (2000) considerava que depois do estágio fálico havia um tipo de período de descanso antes da ocorrência de uma nova etapa de desenvolvimento sexual. A criança tinha, presumivelmente, atingido uma resolução preliminar na crise edipiana e depois havia um tipo de calma após a tempestade. A criança também começa a escolarização durante este período, e as novas atividades absorvem suas energias quase que totalmente.

A característica da fase de latência é a repressão das fantasias e das atividades sexuais, onde os desejos e impulsos sexuais são recalcados no

inconsciente. As mães costumam relatar que a partir dos 7 (sete) anos, as crianças, especialmente os meninos, ficam mais mansinhas. Na verdade o que ocorre é que as crianças acessam um período de experiência sexual (PEREIRA, 2003, p. 37).

Nesta fase surgem as forças anímicas, que posteriormente surgirão como entraves à pulsão sexual, estreitando seu curso semelhante a um dique, como o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais. Embora a educação tenha muita a ver com a construção desses diques, tal desenvolvimento é organicamente condicionado e fixado pela hereditariedade, podendo produzir-se, no momento oportuno, independente da ajuda da educação. Esta fica inteiramente dentro do âmbito que lhe compete, ao limitar-se a seguir o que foi organicamente prefixado e imprimi-lo de maneira um pouco mais polida e profunda. Para Pereira (2003, p. 37-38),

na descrição clássica original de Freud, as manifestações sexuais são quiescentes neste período; em particular, há uma profunda repressão da masturbação, que permanece a grande tentação e problema da idade. Foi a preocupação com a masturbação e outras manifestações libidinais diretas que levou os antigos analistas a negligenciarem este período embora um fator adicional fosse a virtual ausência de crianças como pacientes.

O período de latência proporciona à criança o equipamento, em termos de desenvolvimento do ego, que a prepare para o encontro com o incremento de impulsos da puberdade. Segundo Pereira (2003, p. 39), conseqüentemente,

ela é capaz de desviar a energia instintiva para estruturas psíquicas diferenciadas e para atividades psicossociais, em vez de ter de experimentá-la unicamente como um aumento da tensão sexual e agressiva, a que se pode denominar sublimação, que permitem ao indivíduo a conquista do mundo exterior — a socialização efetiva da pessoa. É nessa fase que surge a competência e a disposição para um desenvolvimento intelectual abrangente.

Caso a criança não tenha perguntado nada sobre sexo, e tiver 5-6 (cinco-seis) anos, de alguma maneira ela sabe, através de amiguinhos, parentes, vizinhos, ou

atitudes conscientes ou inconscientes suas que não deve tratar do assunto. Pode-se “aproveitar as oportunidades que aparecem no cotidiano, como uma parente grávida, animais cruzando, beijo na novela para uma conversa sobre sexo” (PEREIRA, 2003, p. 39). Aos poucos a criança perceberá que um assunto que ela achava ser proibido pode ser conversado. Os pais devem reservarem um tempo em que estejam livres ou fazendo algo que dê para interromper e conversar com a criança para que, sentindo-se mais à vontade, ela possa tomar a iniciativa de perguntar.

A primeira parte da latência começa dos 7 (sete) aos 8 (oito) anos aproximadamente. É caracterizada, segundo observações de Freud (2000), pela passagem do complexo de Édipo e a formação do superego. Como aponta Pereira (2003, p. 39),

nesta passagem há o primeiro caso de amor com uma criança da mesma idade ou próxima. É bastante intenso enquanto dura, depois é abandonado, após um intervalo bastante curto. A consolidação do superego e o fortalecimento dos mecanismos do ego continuam sendo interesses primordiais.

A segunda parte da latência vai dos 8 (oito) ao 11-14 (onze-quatorze) anos. “Caracteriza-se pela busca de colegas e a formação de grupos, tanto para meninos quanto para meninas, e por consideráveis mudanças endocrinológicas” (PEREIRA, 2003, p. 40).

Em suma, o impulso dirige-se para finalidades culturais: domínio da leitura, da escrita e de muitas outras habilidades. Nesta fase é nítida a separação entre meninos e meninas e a rivalidade entre os dois grupos. Na perspectiva de Freud (apud BEE, 1986, p. 262), “o único significativo deste período é o surgimento de novos mecanismos de defesa”.

Na Puberdade (1 2-18 anos e Depois) – há mudanças hormonais e nos órgãos genitais que ocorrem redespertam a energia sexual, e durante esse período surge uma forma mais madura de ligação sexual. “Desde o início deste período, os objetos sexuais do indivíduo são pessoas do sexo oposto” (MARTINS, 2008, p. 45).

Nessa fase, o indivíduo apresenta um corpo em desenvolvimento e uma mente se descobrindo. Descobrindo o pensamento, os desejos e até mesmo o próprio corpo. “Nessa idade, o espaço psíquico é tomado por fantasias que englobam a capacidade de pensar e a sexualidade centrada nos órgãos genitais. O corpo infantil cede lugar ao corpo adulto” (MARTINS, 2008, p.45).

De acordo com Suplicy (1990, p. 57), “é maravilhosa esta fase, cheia de descobertas. É comum o jovem se masturbar, ter sonhos eróticos e fantasias. Nas meninas, é tempo da primeira menstruação”.

Assim, observa-se que a sexualidade toma diversos rumos no desenvolvimento sexual humano. “Durante o desenvolvimento, a criança passa por várias situações de auto-conhecimento, a princípio do próprio corpo, a seguir do corpo das outras pessoas e por fim, da descoberta do prazer ligado aos seus órgãos sexuais” (MARTINS, 2008, p.45). Ao longo de sua existência o indivíduo toma consciência de sentimentos e sensações que não estavam ligados ao seu universo infantil e, então, começa a busca do outro para com ele fazer-se completo.

Freud (apud BEE, 1986, p. 262), “coloca certa ênfase no fato de que nem todos atravessam esse período até atingir um ponto de amor heterossexual maduro”. Algumas pessoas que não foram bem sucedidas na resolução da crise edipiana, como já foi explicado, podem ter identificações confusas que afetam sua habilidade de enfrentar o reaparecimento das energias sexuais durante a adolescência. Outras que não tiveram um estágio oral satisfatório e assim não têm

os alicerces de um relacionamento amoroso; tudo isso interferirá na completa resolução dos conflitos da puberdade.

Conforme as fases de desenvolvimento da sexualidade infantil, a curiosidade das crianças é distinta em cada faixa etária. Determinados acontecimentos ocorrem especificamente em determinada época, porém, vale salientar que estes deixam marcas nos períodos subseqüentes. Talvez por isso deva haver orientação sexual nas escolas, através de jogos, filmes, explicações em palestras; e não somente em casa.

2 OS PAIS E A SEXUALIDADE INFANTIL

Felicidade

*Os pais podem dar alegria e satisfação para um filho,
mas não há como lhe dar felicidade.*

*Os pais podem aliviar sofrimentos enchendo-o de
presentes, mas não há como lhe comprar felicidade.*

*Os pais podem ser muito bem-sucedidos e felizes, mas
não há como lhe emprestar felicidade.*

*Mas os pais podem aos filhos
Dar muito amor, carinho, respeito,
Ensinar tolerância, solidariedade e cidadania,
Exigir reciprocidade, disciplina e religiosidade,
Reforçar a ética e a preservação da Terra.*

*Pois é de tudo isso que se compõe a auto-estima.
É sobre a auto-estima que repousa a alma,
E é nesta paz que reside a felicidade.*

(Içami Tiba, 2006, p. 14).

Em todas as fases do desenvolvimento humano a sexualidade está presente, além de que é extremamente importante, pois é uma necessidade básica do ser humano, que não pode ser extirpada de sua vida, pois envolve sentimentos, pensamentos e ações.

Entretanto, os pais parecem estar sempre inseguros e amedrontados quando o assunto é a sexualidade dos seus filhos. De acordo com Tiba (2006, p. 239), “nunca sabem qual é o momento adequado para que seus filhos recebam tais informações e qual seria o lugar mais adequado para que estes assuntos fossem discutidos”. Ao mesmo tempo em que alguns pensam em transferir para a escola essa responsabilidade, outros temem que a escola não seja capaz de informar, de

uma maneira correta, podendo até gerar conflitos entre os próprios pais com tendências mais conservadoras e aqueles com tendências mais liberais.

Como mostra Tiba (2006, p. 240), “a orientação sexual deve começar cedo. As crianças estão mais sabidas e têm acesso a toda sorte de informações sexuais”.

Segundo Freud (2000), "sexualidade é algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento." (FREUD apud GTPOS, 1994, p.22).

Assim, a curiosidade é natural. Saber como as pessoas enfrentaram certas situações pode apontar uma luz, trazer conhecimento, aumentar o repertório pessoal e fazer refletir. É natural, portanto, que as crianças demonstrem curiosidade e procurem esclarecer as dúvidas com as pessoas em que mais confiam: o pai e a mãe. Logo, não dá para escapar: mais dia, menos dia, o assunto entrará em pauta.

Segundo (1990, p. 36),

é no lar que o ser humano deveria ter sua primeira educação sexual. Uma criança falante e curiosa pode começar a mostrar interesse pelo sexo aos 2-3 anos, mesmo sem o uso da palavra. A maioria o fará com 4-5 anos de idade.

Já para Tiba (2006, p. 240) “não existe idade certa, e sim o momento adequado para falar de sexo com os filhos”.

A conversa deve acontecer sempre que surgir uma oportunidade. “Diante da televisão, por exemplo, é comum a criança correr pela sala enquanto os pais vêem a novela até que aparece uma cena de sexo e ela pára diante do aparelho” (TIBA, 2006, p. 240). É a hora de a mãe e o pai dizerem que aquilo é natural entre adultos. Não podem simplesmente mudar de canal. Essa censura não funciona, pois ficará um vazio na cabeça da criança.

A repressão não é o melhor caminho. De acordo com Tiba (2006, p. 240),

Se um garoto de 3 (três) anos fica se encostando nos cantos da mesa e diz: que é gostoso deve-se verificar se não existe algum problema físico. Pode ser uma irritação causada por inflamação ou uma infecção. Dizer “não faça isso” não resolve. A energia terá de buscar outro campo e podem surgir alguns distúrbios.

Alguns pais relatam que, “meu filho não se abre comigo” é uma queixa comum dos pais fechados. Sem perceber, eles fogem de determinados assuntos e esperam que os filhos os procurem para conversar com eles a respeito. O clima de confiança precisa ser estabelecido desde cedo. Tiba (2006, p. 241) conta que: “um garoto de 9 anos perguntou à mãe como era uma camisinha feminina. “Não sei”, ela respondeu, “deve ser como a masculina”, e deu o assunto por encerrado”.

É difícil para alguém, no caso a mãe responder tal questão, pois as campanhas brasileiras que recomendam o uso de camisinha visam apenas aos homens. Não mencionam a camisinha feminina. O garoto, que ouve falar, senti curiosidade e resolve perguntar à mãe. Como ela ficou surpresa, assustou-se e optou pela saída mais fácil, porém incorreta. Existem diferenças entre os dois preservativos. “Enquanto a do homem envolve por fora, a da mulher envolve por dentro. Embora tenham vida sexual, muitas mães talvez não saibam dessa novidade. Mas os jovens já estão sabendo” (TIBA, 2006, p. 240).

De acordo com Tiba (2006), no caso descrito acima, seria melhor admitir o desconhecimento: “Não sei, nunca vi uma”. E se comprometer a pesquisar: “Vou me informar e a gente aprende junto”. Pai e mãe não são obrigados a saber tudo. Mas não podem deixar uma dúvida em aberto. Estão comprometidos a ensinar, que é um gesto de amor, e desta maneira surge a intimidade. Desta maneira, mais tarde, a primeira pessoa que o filho procura é a mãe, ou o pai, que sempre acompanhou cada fase de seu crescimento.

Na orientação sexual o importante é responder especificamente o que se pergunta.

Em geral, o que ocorre é o constrangimento da postura dos pais, e é tamanho que quase sempre resolvem dar uma aula de camisinha. Contam a história do preservativo. E têm a sensação de alívio pela missão cumprida. Mas precisam perceber se atenderam à necessidade da pergunta. Quase sempre o que a criança quer saber é o sentido prático: para que serve. Se estiver satisfeita, ela pára de perguntar. Tirar o foco da pergunta só aumenta a curiosidade infantil.

Tiba (2006, p. 240) explica:

Se a criança fosse um carro de corrida, cada vez que ela chega junto do pai, ou da mãe, é como se fizesse um *pit-stop*. Se a parada é satisfatória, ela segue na corrida; caso contrário, já na próxima volta terá de parar, até estacionar completamente.

Portanto, seria melhor dar a resposta a criança pois ela necessita, mesmo porque ela pode fazer o *pit stop* com outras pessoas.

Muitas vezes os pais se perguntam, se seria bom dar uma explicação científica sobre sexo.

GTPOS (1994, p. 23), responde:

Depende. As pessoas se escondem muito atrás da ciência do sexo. Usam palavras incompreensíveis, mas ficam felizes por falar, embora a criança nem sempre fique feliz ao ouvir. Nesse caso, o risco é que o pequeno procure a resposta em outra fonte, passando a não perguntar mais nada.

Nesse sentido, a linguagem que os pais devem usar para explicar a criança sobre sexo deve ser bem simples, com exemplos claros, rotineiros para que ela se sinta satisfeita com a resposta que obteve, compreendendo-a com mais facilidade.

À medida que as crianças crescem pode-se perceber que algumas pessoas são homens e as outras mulheres. E logicamente há meninos e meninas. “Esta identificação natural começa com o estudo do seu próprio corpo e com a

comparação com os outros, reconhecendo dois tipos anatômicos diferentes. Nas meninas, nos pais e irmãos, e nas pessoas em geral” (TIBA, 2006, p. 240).

Em determinada fase começam a usar não mais “menina”/”menino” e passam a usar o masculino e o feminino, sendo corrigidos quando erram, e conseqüentemente percebendo que há diferenças, entre o gato e a gata, entre o primo e a prima, embora ficam sempre se perguntando, porque é que existe uma cadeira e não um cadeiro, um piano e não uma piana, ou porque é que a companheira do sol se chama lua e que a “mulher” do cavalo não seja a cavala.

Segundo Nunes (2006, p. 31),

mesmo com estas confusões e ambigüidades, há uma progressiva compreensão do mundo em duas versões, e aos dois anos e picos já brincam com as situações: “Tenho aqui um pipi.... Ah, ah, ah. É pilinha. Pipi têm as meninas”. A diferenciação por gênero é uma das primeiras categorizações que as crianças fazem e que dividirá o mundo em múltiplas classes e conjuntos, passando pelas formas, cores ou tamanhos.

Nunes (2006, p. 31) informa que,

os estereótipos podem representar um problema, porque dependem sempre dos critérios que se usam. E esses critérios dependem das sociedades, religiões, famílias e sua estruturação, papéis dos seus componentes, grau de desenvolvimento social, grau de liberalismo da visão do mundo, enfim, de múltiplos fatores não objetivos nem quantificáveis.

Assim, numa família pode ser óbvio que quem lava a louça é a mãe. Trocar um pneu será próprio do pai enquanto costurar será da mãe. “E por quê? Um robot sem sexo e sem gênero fará ambas as tarefas igualmente bem” (NUNES, 2006, p. 32).

Numa sociedade em transição rápida, os estereótipos ainda se tornam mais frágeis e questionáveis. Assim, os brinquedos traduzem bem o que os adultos esperam das crianças, como exemplo; durante gerações e gerações, os meninos não brincavam com bonecas nem as raparigas com carrinhos.

São múltiplos os fatores que fazem uma criança na faixa etária de 1 a 5 anos de idade a definirem a questão do seu gênero e dos gêneros das pessoas e das coisas, designadamente:

Modelo dos pais –desde as relações interpessoais em casa até ao sistema de recompensas: será errado um pai elogiar a filha que trouxe uma flor para a mãe e criticar o filho que fez o mesmo;

Observar as crianças – ver como brincam e procurar entender o como e o porquê do que fazem. Brincar às casas é normal. Um menino arranjar o berço para o boneco também. O desenvolvimento das competências é essencial nestas idades e faz-se através da fantasia e do jogo prático com bonecos. É essencial não emitir juízos de valor sobre o papel dos gêneros, estilo “ah, isso é coisa para mulheres” ou “um homem não chora”;

Viver só com um progenitor - se uma criança vive predominantemente só com um dos pais, é mais complicado, por vezes, perceber a definição de gêneros, porque o progenitor com quem está desempenha os dois papéis: maternal e paternal, ou seja, feminino e masculino;

Tarefas definidas - As tarefas a que se vão habituando as crianças em casa não podem ser definidas: “O João vai levar o lixo e a Ana vai lavar a louça”. Umas vezes um, outras vezes outro, a menos que haja negociação e um entendimento entre eles; não se deve pois classificar as tarefas domésticas, profissões, desportos e outras atividades como “de macho” ou de “de fêmea”, ou pelo menos com base no gênero (na força ou nos talentos já poderá ser diferente);

Os irmãos - desempenham um papel fulcral e pode haver tendência à imitação, independentemente do gênero, porque para a criança são ídolos. E os comentários dos irmãos são importantes: “olha, com essa camisola cor-de-rosa parece uma menina” – escusado será dizer que aquela criança nunca mais usará roupa daquela cor;

Os avós - nascidos noutra época, têm os estereótipos mais implantados e recusá-los seria rever toda uma vida em que se desempenharam papéis bem definidos. Daí reportarem para a criança a sua própria censura interna.;

No jardim de infância - a partir dos 5 (cinco) anos, começa a haver algum espírito de gênero: eles e elas. Eles são uns “parvos” e elas são umas “estúpidas”, uma amostra do que acontecerá mais tarde, com picos no 1º (primeiro) ciclo e depois aos 12-14 anos;

Censura do grupo de pares - tem uma força enorme, e até pode explicar certas reações – principalmente à roupa, corte de cabelo –, que para os pais permanecem inexplicáveis;

Por último, não esquecer que os meios de comunicação, designadamente nos anúncios, veiculam uma clara noção de estereótipos, também ao nível do gênero – a moça do vermute não é o rapaz do vermute, o rapaz da cerveja não é a moça da cerveja. Perfumes? Elas. Carros? Eles. Isso também é visível nos desenhos animados (CORDEIRO, 2009, p. 32).

Outro ponto importante, além dos estereótipos ocorridos logo no início da infância, é a masturbação. Trata-se de um assunto muito comum nessa fase da criança. A masturbação é um comportamento normal e como tal deve ser encarado. De acordo com Nunes (2006, p. 32), “associá-la a algo lascivo ou malévolo é

transportar para a infância as leituras tortuosas dos adultos. A prova de que as crianças não têm qualquer sentimento menos próprio é que o fazem à frente de toda a gente”.

Muitas crianças por falta de orientação dos pais ficam apreensivas, pensam que estão com alguma doença e outras ficam embaraçadas e vergonhosas.

As crianças masturbam-se, a partir dos 3 (três) anos, e fazem-no para explorar seu corpo e leva-as a descobrir uma experimentação nova além de dar prazer. “Descrevem o que sentem como “um choque elétrico muito bom”, “uma coisa boa que arrepiam” ou frases semelhantes. É a descoberta do prazer que deve ser vivida naturalmente pelo menino e pelos pais” (NUNES, 2006, p. 33).

E Nunes (2006, p. 33), confirma:

A atitude dos pais deve ser de respeito e sem emitir juízos de valor. Quanto menos ênfase se der ao assunto, mais depressa esta fase passará. Pelo contrário, se se fizer um bicho-de-sete-cabeças, pode até ser que a criança deixe de se masturbar, mas ter-se-á inserido um componente anômalo no percurso normal da sexualidade, podendo mais tarde essa bomba-relógio rebentar de um modo estranho e a desoras. Remeter a sexualidade infantil e respectivos comportamentos para o domínio da vergonha é errado e pode ter conseqüências indesejáveis.

Nesta fase, os pais podem explicar ao menino que para manipular deve-se fazer em um lugar sozinho, escondidinho, sem que ninguém veja, pois este momento é só dele, e ninguém precisará ver.

Como aponta Nunes (2006, p. 33):

Numa conversa a sós, fora de um episódio, é bom dizer que os órgãos genitais são sensíveis e que esfregá-los pode causar dor ou lesão, e que assim como não se anda nu na rua ou até na praia, também a manipulação dos órgãos genitais deve ser um assunto íntimo e que não deve ter lugar em frente das outras pessoas.

Como a sexualidade infantil foi pouco divulgada durante muito tempo, a normalidade da masturbação nesta fase ainda é difícil ser aceita como algo

saudável, natural, que todo ser humano deve passar. “Entretanto, se por alguma razão o comportamento se torna obsessivo, acontece em qualquer local ou não se reduz com a passagem dos meses, pode haver algum problema a esclarecer” (NUNES, 2006, p. 34). Nestes casos, a intervenção de um profissional será o primeiro passo a dar.

Na fase infantil o que a criança quer saber é pouco, não é preciso explicar detalhes, mas também os pais não devem mentir, nem brigar, nem desconversar, e sim explicar o básico na linguagem que a criança puder entender.

Muitos pais acreditam que as crianças não devem fazer perguntas sobre sexo por acreditar que não possuem idade suficiente para entender, considerando, portanto, um absurdo qualquer menção a este assunto. Muitos adultos se escondem, sentem vergonha e a causa pode estar numa infância mal orientada, mas construída.

Segundo Freud, (apud KUPFER, 1997, p. 46), “as crianças devem receber educação sexual assim que demonstrem algum interesse pela questão”. Tiba (2006) e Suplicy (1990) também confirmam este pensamento.

A criança que tem idade para perguntar também tem idade para ouvir. Os pais não devem dar respostas imaginárias e irreais como, “por exemplo: se a criança perguntar como nasceu o pai responder que foi a cegonha que trouxe, ao invés de falar a verdade na linguagem adequada para cada idade” (CHAUÍ, 2002, p. 45).

A criança ao descobrir que os pais estão mentindo ela se sente enganada como afirma Suplicy (1983, p. 36): “no momento que seu filho descobrir que você o engana você não será mais um pai ou mãe perguntável. Você perde a credibilidade, mas seu filho continua curioso e perguntará aos colegas”.

Os pais não devem atropelar a fase que a criança está passando. Evitar falar sobre espermatozóides e óvulos com uma criança de 2 (dois) ou 3 (três) anos, nesta idade muita explicação pode confundir e o tempo de concentração é muito pequeno, portanto os pais devem ser breves, seguros e sobretudo falar com naturalidade.

Segundo Suplicy (1983, p. 36) “as primeiras perguntas feitas pelas crianças geralmente são: “porque o pipi do papai maior que o meu? Porque ele tem esses pelinhos e eu não? Onde está o pipi da mamãe? Por onde saem os bebês?”

Isto ocorre porque nas primeiras perguntas infantis a criança faz uma constatação do que observa. Suplicy (1983, p. 36) ainda observa que,

conforme a criança vai crescendo as perguntas vão se sofisticando, e ao redor dos quatro-cinco anos ela já quer saber como o bebê sai da barriga da mãe. E, provavelmente a pergunta seguinte será como entrou .

Estas perguntas devem ser respondidas da forma mais natural possível. Assim, se os pais a repreendem, a criança nunca mais lhes perguntará e continuará tão curiosa quanto antes, afinal está numa fase de descobertas. Suplicy (1983, p. 37) aponta que,

sem a ajuda deles ela poderá interpretar o sexo de forma errada, acreditando, por exemplo, que seu pênis tem algum problema por ser menor que o do pai, que o pênis da mamãe ou da irmã foi cortado.

Alguns pais têm dificuldade para responder ao interrogatório, ou mesmo ficam com vergonha, ou repreende a criança como “aonde ela aprendeu isso”, “quem te ensinou falar assim?”.

Uma das perguntas mais difíceis dos pais responderem é “como o bebê entrou na barriga da mamãe?” O livro Mamãe botou um ovo!, de Babette Colle (apud NUNES, 2006, p. 34) apresenta uma alternativa de resposta:

A mamãe tem ovos dentro da barriga. O papai tem sementes nos saquinhos que ficam fora do seu corpo. O papai tem um tubo. As sementes que estão

nos saquinhos saem por ali. O papai encaixa na mamãe e o tubo entra na barriga dela por um pequeno buraco. Então as sementes nadam lá dentro com a ajuda de seus rabinhos até o ovo. Quando os dois se juntam formam o bebê.

Explicações como esta já podem ser dadas a crianças de 4 (quatro) a 6 (seis) anos. Segundo Nunes (2006, p. 33),

antes disso é difícil compreender e depois disso já é necessário uma linguagem mais próxima do real para evitar distorções, mesmo porque eles já ouvem comentários dos colegas e já estão mais ligados em algumas cenas de novelas ou filmes.

De acordo com Nunes (2006, p. 33),

urgindo o interesse, não antes disso para não precipitar sua maturidade, os pais poderão utilizar um livro de sexo para crianças como recurso, utilizando o nome correto dos órgãos genitais como pênis, vagina e não pinto, cocota, piriquita e outras expressões.

Independente da fase que a criança se encontra, as respostas devem ser verdadeiras e claras. Alguns pais acreditam que a criança ficará assustada com palavras como pênis, vagina, espermatozóide. Assim Nunes (2006, p. 33), destaca que

a partir de 4 (quatro) anos já é possível falar sobre o parto natural ou cesárea, sobre a relação do papai e da mamãe, lembrando-se sempre: na linguagem adequada e nada de assombro.

Abaixo alguns exemplos de diálogo com crianças, extraídas do livro “Falando com seu filho sobre sexo: perguntas e respostas para crianças do nascimento até a puberdade” (apud NUNES, 2006, p. 33):

Três anos:

- _ O que é isto?
- _ É um pênis.
- _ Para que serve?
- _ É com ele que os meninos fazem xixi.

_ Olhe, ele fica duro.

_ Certo! Todos os pênis fazem isto de vez em quando.

_ Papai tem um pênis também?

_ Tem; todos os homens e meninos têm um.

_ Ele fica duro também?

_ Algumas vezes. Ele se sente bem assim.

_ O que é isto?

_ Chama-se vulva.

_ Por que é toda cabeluda?

_ Todas as mulheres crescidas têm cabelos aí.

_ Porque eu não tenho?

_ *Para meninas:* É porque você ainda não cresceu. Quando Você crescer, terá cabelos aí, igual à mamãe.

_ *Para meninos:* Você terá cabelos em volta do seu pênis quando crescer.

_ O que é esse saquinho? Tem bolinhas.

_ É um escroto, e os dois caroços parecidos com bolinhas chama-se testículos.

Cinco e seis anos:

_ O que quer dizer "foder"?

_ Significa ter relação sexual, quando o homem introduz o pênis na vagina de uma mulher. "Foda" é uma palavra da gíria que não deve ser usada em público. Não é educado e muitas pessoas consideram esta uma palavra muito feia mesmo quando não é dita em público. Portanto quando você estiver com outras pessoas nunca diga "foder", não importando como os outros façam.

_ O que é boceta?

_ Boceta é o nome da vagina na gíria. Há outras palavras para vagina que são tão grosseiras quanto esta. Sem dúvida eu não gostaria de escutar alguém chamar uma vagina por este nome, embora algumas pessoas usem esta palavra quando estão a sós, sem que estejam xingando ou ofendendo alguém. Nunca use uma gíria como esta em público.

_ O que quer dizer “puta”?

_ Puta é o nome usado para uma prostituta na gíria. É uma pessoa que tem relações sexuais por dinheiro e não por amor.

Viu-se que quando a sexualidade não é bem trabalhada em família surgirá uma série de coisas no decorrer da evolução infantil. Na escola, por exemplo será comum a professora ouvir risinhos ao explicar uma aula de ciências, principalmente quando forem mostradas figuras dos órgãos genitais no estudo do corpo humano e o aparelho urinário. A professora observará um certo espanto, murmúrios, indignações. Portanto, isto acontecerá, muitas vezes, por falta de orientação dos pais em casa, por falta de um diálogo gostoso, uma palavrinha de informação.

Infelizmente, muitas meninas só ficam sabendo que vão menstruar quando conversam com outras coleguinhas que já tiveram esta experiência. Muitas sentem vergonha dos seios que começam a crescer usando como alternativa uma camiseta por baixo da outra ao invés de pedir um sutiã à mãe, e esta, por sua vez, não percebe, ou mesmo não se preocupa em perceber o constrangimento da filha. De acordo com Nunes (2006, p. 33), “tudo isso mexe com a cabeça do adolescente que além de sofrer todas estas transformações no corpo ainda não contam com o apoio e orientação adequada dos pais”.

Assim, se uma criança não tem desde cedo um esclarecimento, um diálogo sobre assuntos ligados ao sexo, não compartilha seus medos e ansiedade com seus

pais, se os pais não lhe dão apoio nas suas descobertas, possivelmente ela será um adolescente carregado de dúvidas buscando em revistas e conversas com amigos o entendimento deste processo e provavelmente um adulto com complexos, culpas e preconceitos. Suplicy (1983, p. 1983, p. 38 revela que “a sexualidade infantil estabelece as bases para a sexualidade na adolescência e para a sexualidade na vida adulta”.

3 A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

A sexualidade é o que há de mais íntimo nos indivíduos e aquilo que os reúne globalmente como espécie humana. Está inserida entre as “disciplinas do corpo” e participa da “regulação das populações”. A sexualidade é um “negócio de Estado”, tema de interesse público, pois a conduta sexual da população diz respeito à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie, o que, por sua vez, está relacionado à produção de riquezas, à capacidade de trabalho, ao povoamento e à força de uma sociedade.

(YUS, 1998, p. 67)

A escola pode completar o que é começado no lar pelas famílias, suprir as lacunas, e ajustar os conceitos sobre a sexualidade, alterado pela família e pela mídia.

A função da escola não está em definir o que é certo ou errado, mas preparar o indivíduo para diferenciar os conceitos culturais, familiares e psicológico e assim formar o seu conceito.

Gentile (2006, p. 22) retrata que:

O sexo é parte da vida das pessoas, aliás uma parte importante e muito boa, e é por essa razão que a escola e a família devem ajudar a construir nos pequenos uma visão sem mitos nem preconceitos. Esse é um tema que envolve sentimentos e desejos e, portanto, não pode ser abordado só com explicações sobre o funcionamento do aparelho reprodutor e palestras médicas. A orientação deve ser feita com afeto.

A escola, considerada como um lugar adequado para a Orientação Sexual, tem a missão de colaborar com a família na educação das crianças. Aos pais cabe o direito e o dever da Orientação Sexual dos filhos. “Este direito/dever existe independentemente da missão da escola e até a precede” (GENTILE, 2006, p. 22).

A partir do momento que os pais se conscientizam de que tem o direito e o dever de falar, explicar aos filhos sobre a sexualidade, compete a eles tomar plena consciência de sua missão nesse campo da Orientação Sexual, o que supõe preparar-se adequadamente para isto, esforçar-se por vencer as resistências e conservadorismo, buscar permanentemente o equilíbrio psicosssexual e principalmente ser naturais. A família e escola são dois lugares com missões específicas para cada um embora estejam integrados na unidade de projeto comum. Vale lembrar que a sociedade também executa um papel decisivo da Orientação Sexual de todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Desta maneira, por que trabalhar a sexualidade no espaço escolar? Que relação há entre sexualidade e educação? Não seria a Orientação Sexual algo inerente exclusivamente à família?

Esses são alguns questionamentos levantados ao discutir-se a temática da Orientação Sexual nas instituições escolares. Questionamentos, que muitas vezes são utilizados até mesmo por educadores, como artifícios e desculpas para a não abordagem do tema em sala de aula, silenciando-o.

Estudos apontam que, mesmo ciente da responsabilidade que tem no processo de desenvolvimento da sexualidade das crianças, juntamente com outras instâncias da sociedade, a escola nem sempre se envolve com o tema na intensidade necessária, e, muitas vezes, quando o faz, é de modo reducionista, atendo-se às questões biológicas da reprodução, ou seja, a “famosa aula de Ciências ou Biologia”.

De acordo com o artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), referente aos Princípios e Fins da Educação Nacional é declarado que: A educação, dever da família e do Estado,

inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Cita também, na referida Lei, o artigo 29 (vinte e nove): A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A lei que rege a educação escolar brasileira tem por finalidade o desenvolvimento integral do educando, a escola, para assegurar o alcance desse objetivo, há de educar sexualmente as crianças.

Segundo Martins (2008, p. 37),

A sexualidade humana é parte integral do desenvolvimento e da personalidade. É uma necessidade básica do ser humano que não pode ser separada de sua vida, nem mesmo dos outros aspectos que o integram. Envolve sentimentos, pensamentos e ações. Portanto, não só no mundo adulto, como também no infantil, o tema sexualidade tem singular importância no desenvolvimento pleno do indivíduo. Se a escola, ao educar, não educa nem capacita a criança a lidar com sua própria sexualidade, não está educando-a integralmente.

Os argumentos que sustentam a posição de neutralidade da escola no que se refere à sexualidade são destruídos, ao se observar as manifestações sexuais ocorridas no âmbito escolar. Para Martins (2008, p. 37),

As crianças, ao adentrarem os portões escolares, não deixam de fora suas dúvidas, conflitos, desejos, angústias ou fantasias, relacionadas à sexualidade. Ao contrário, todas estas inquietações as acompanham e manifestam-se, de forma verbalizada ou não, nas atitudes e comportamentos escolares. As manifestações mais freqüentes nas séries iniciais são: a manipulação curiosa dos genitais e as brincadeiras que envolvem contato corporal. É comum nessas séries a curiosidade sobre concepção, parto, relacionamento sexual, camisinha, homossexualismo e AIDS. Muitas vezes a curiosidade se expressa de forma direta. Outras vezes, surge encoberta em brincadeiras erotizadas, piadas, expressões verbais, músicas.

Pode ser observado também que as crianças reproduzem manifestações de sexualidade adulta vistas na televisão ou presenciadas, as quais não compreendem plenamente.

Um caso real revelado por Martins (2008, p. 38) ocorrido numa escola municipal de São Paulo: “uma menina de 9 (nove) anos de idade chegou em casa e contou à mãe que um colega tinha tentado enfiar um lápis em sua “perereca”. A mãe assustada, foi à escola e denunciou a ‘tentativa de estupro’.”

Com base em Suplicy (1983, p. 42), “as crianças fazem isso não por maldade, mas por curiosidade. Entretanto precisam aprender a respeitar seu corpo e o dos outros, e os professores devem saber o que fazer nessas horas”.

Aponta Martins (2008, p. 38): “Querer ver e tocar os órgãos genitais e falar palavrões são atitudes que ocorrem com freqüência nas salas de aula, inclusive na presença dos professores”.

Portanto é necessário que a escola, como instituição educacional, se posicione clara e conscientemente sobre referências e limites com os quais irá trabalhar as expressões de sexualidade dos alunos. De acordo com Martins (2008, p. 39),

Sendo pertinente ao espaço da escola o esclarecimento de dúvidas e curiosidades sobre a sexualidade, é importante que a mesma contribua para que a criança discrimine as manifestações que fazem parte da sua intimidade e privacidade das expressões que são acessíveis ao convívio social.

O trabalho de Orientação Sexual na escola pode contribuir para um bom desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, pois a sexualidade relaciona-se ao aspecto emocional, que está extremamente relacionada aos desenvolvimentos intelectual e social, e conseqüentemente interfere diretamente no desempenho escolar. Para Martins (2008, p. 39),

quando a criança possui curiosidades e angústias a respeito da sexualidade, o aspecto emocional da mesma fica abalado. As emoções manifestam-se na maneira de agir. Emoções negativas podem resultar em comportamentos hostis, passivos, indiferentes, presenciados no espaço escolar, ou mesmo em dificuldades de aprendizagem.

E segundo Goleman (1994, p. 63):

emoções são sentimentos a se expressarem em impulsos e numa vasta gama de intensidade, gerando idéias, condutas, ações e reações. Quando burilados, equilibrados e bem-conduzidos transformam-se em sentimentos elevados, sublimados, tornando-se, aí sim – virtudes.

Desta maneira, quando as questões que angustiam os alunos “são bem esclarecidas com informações corretas, aliviam-se as ansiedades e tensões que interferem no aprendizado e diminui-se a agitação ocasionada por essa situação de ansiedade” (MARTINS, 2008, p. 39).

A escola é um lugar privilegiado para discutir-se a temática da sexualidade, pois se constitui de uma instituição social, atende crianças de todas as faixas-etárias, classes sociais e etnias. É na escola que as crianças passam um bom período de tempo diário. Assim, a escola constitui-se uma parceira da família na orientação sexual das crianças.

De acordo com Martins (2008, p. 40),

A Orientação Sexual pode contribuir na prevenção de problemas graves, como o abuso sexual, uma possível gravidez indesejada na adolescência ou a aquisição de doenças sexualmente transmissíveis. Quando um indivíduo aprende a lidar com a sexualidade de maneira saudável e natural, desde a infância, na adolescência, terá condições de tomar atitudes pautadas na reflexão consciente.

Para a prevenção do abuso sexual é importantíssimo o esclarecimento de que brincadeiras em grupo que remetem à sexualidade são prejudiciais quando envolvem crianças/jovens de idades diferentes ou quando são realizadas entre adultos e crianças. Para a prevenção da gravidez precoce nada melhor que os

esclarecimentos sobre o uso de contraceptivos. No caso de doenças sexualmente transmissíveis mostrar o uso da camisinha.

Finalmente, pode-se afirmar que a implantação de Orientação Sexual nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura.

Em relação aos professores aponta-se uma questão: Em que medida estes podem ajudar e orientar sexualmente os alunos, se quase sempre são portadores de atitudes e preconceitos, de conhecimentos insuficientes e fragmentados e não dominam as técnicas e capacidades pedagógicas para o trabalho neste domínio?

Até que ponto estão habilitados a enfrentar com êxito o desafio de educar para uma sexualidade sã, feliz, responsável e equilibrada?

De acordo com Aquino (2003, p. 32),

Certamente não são poucos os educadores que, em algumas ocasiões, sentiram nervosismo e constrangimento ao surgir, dentro ou fora da sala de aula, o tema da sexualidade, desviando as perguntas que provocam bloqueios emocionais e para as quais não têm respostas objetivas e oportunas. Uma palavra, um gesto, um silêncio, um comentário ou uma conversa repercutem indubitavelmente na psique das crianças.

No contexto educacional, sabe-se a dificuldade da escola e dos profissionais da educação em abordar o tema Orientação Sexual. Segundo Martins (2008, p. 41),

ambos são desprovidos de preparação e capacitação para o realizarem eficazmente. Não possuem auxílio de políticas governamentais, as quais pouco têm feito, relativo à capacitação do corpo docente. Os educadores possuem dificuldades, enquanto os alunos, curiosidades e dúvidas.

Segundo Bossa (2004, p. 78),

Os professores atuais, em sua grande maioria, são frutos de uma geração onde a sexualidade não era abordada no espaço escolar. Reprimida e repudiada pelos valores morais, culturais e religiosos como sendo algo pecaminoso e subversivo, as manifestações da sexualidade na escola eram motivos de escândalo. Muitos desses professores não receberam uma

devida orientação ou mesmo informação sexual adequada. Ao longo da construção de suas identidades sexuais, foram aglomerando consigo mitos, tabus e valores constituídos e reforçados pela sociedade. Assim, incluir em sua prática educacional a Orientação Sexual é um desafio. Sentem-se despreparados e desencorajados para lidar com o tema.

Outra situação “que dificulta aos professores a inserção da Orientação Sexual na escola de ensino fundamental é a desaprovação e resistência familiar” (BOSSA, 2004, p. 78). Hoje em dia, existem famílias que acreditam que o trabalho da sexualidade com crianças é desnecessário, podendo o mesmo causar uma incitação precoce ao sexo. Segundo Bossa (2004, p. 78), “tabus, preconceitos e valores estão fortemente presentes no cotidiano familiar, tornando-o conservador e não permitindo discussões a respeito do assunto”.

Um fator extremamente faltoso para que os professores trabalhem a sexualidade, é a falta de materiais adequados compatíveis ao tema. Para Bossa (2004, p. 78), “esse fator gera elevada angústia dos professores, que se sentem despreparados para assumir tal desafio”.

E outro ponto também, é que apesar da descoberta da sexualidade infantil e do conhecimento de sua importância, a literatura sobre essa temática ainda é restrita, sendo limitado aos professores o conhecimento teórico.

Para Schmitz (1993, p. 45),

O material didático pode ser considerado a ligação entre as palavras e a realidade concreta. Sua principal função é auxiliar o aluno a pensar, possibilitando o desenvolvimento de sua imaginação e de sua capacidade de estabelecer analogias. É aproximar o aluno da realidade e auxiliá-lo a tirar dela o que contribui para sua aprendizagem.

Considera-se que os materiais didáticos (em anexo) são importantes e que o uso pode auxiliar o processo de aprendizagem, mas para isso, é preciso que o

professor estabeleça um objetivo, procure aproveitar a maioria das possibilidades didáticas e esteja atento às limitações que o material pode apresentar.

Os materiais podem ser entendidos como, puramente visuais, como quadro negro, cartazes, mapas, figuras; puramente auditivos, como rádio, CD ou audiovisuais, como TV, vídeo.

Além disso, alguns recursos também estimulam os sentidos do paladar, tato e olfato. Os sentidos são órgão de ligação entre o homem e o mundo exterior e, portanto, um ambiente que estimule o maior número possível de sentidos pode favorecer a aprendizagem. Para Martins (2008, p. 42),

assim, a linguagem oral, recurso do processo ensino-aprendizagem, amplamente utilizado pelo professor, pode ser auxiliado por outros recursos que estimulem os outros sentidos.

Parra (2002, p. 21), estabelece,

a necessidade de se utilizar materiais instrucionais (visuais e audiovisuais) adequados para cada faixa etária. Já que, a capacidade de compreender e, então, aprender o conteúdo que o material traz, está relacionada ao estágio de desenvolvimento cognitivo no qual a criança se encontra.

Segundo Bardi (2004, p. 43), “pode-se dizer que os materiais didáticos (em Anexo) para a orientação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental são de uma necessidade sem limite e importantes”. No entanto, o recurso não é substituto do professor, pois seu uso efetivo dependerá da habilidade do professor em selecionar, valorizar e utilizar os recursos de maneira adequada e produtiva⁶.

A seleção dos materiais deve levar em consideração o aluno ao qual se destina, faixa etária, interesses, os objetivos e os conteúdos a serem aprendidos. Assim,

⁶ Nos anexos há propostas de atividades para o professor trabalhar a sexualidade com as crianças.

considera-se que cabe ao professor, como, dinamizador do processo da aprendizagem, estar atento às diferentes situações para que os recursos cumpram sua finalidade, que é, principalmente, facilitar a aprendizagem integrada e dinâmica (SCHMITZ, 1993, p. 47).

Desta forma, considerando a proposta para abordagem da Orientação Sexual como tema transversal presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais e a importância dos recursos didáticos para o desenvolvimento adequado desse tema, aponta-se uma proposta que tenha como objeto elaborar e produzir materiais didáticos que possam auxiliar os professores da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental no desenvolvimento de alguns temas relacionados à orientação sexual, entre eles diferenças entre as pessoas (homens, mulheres e crianças), diferenças entre os sexos, mecanismos de concepção e gravidez.

O professor pode reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento. Tais manifestações não devem ser vistas pelo professor como aberrações, que devem resultar em condenação e punições, mas sim manifestações naturais. Deve-se ter o cuidado para não humilhar ou expor o aluno a uma situação constrangedora.

Ao mesmo tempo em que oferece referências e limites, o professor pode manifestar a compreensão de que as manifestações da sexualidade infantil são prazerosas e fazem parte do desenvolvimento saudável de todo ser humano. Dessa forma,

o professor contribui para que o aluno reconheça como lícitas e legítimas suas necessidades e desejos de obtenção de prazer, ao mesmo tempo em que processa as normas de comportamento próprias ao convívio social” (PARRA, 2002, p. 22).

O professor pode estar atento às diferentes formas de expressão dos alunos. Muitas vezes a repetição de brincadeiras, apelidos ou paródias de músicas alusivas

à sexualidade podem significar uma necessidade não verbalizada de discussão e de compreensão de algum tema. É essencial que o professor tenha jogo de cintura para lidar com estas formas de expressão e supostas provocações das crianças, aproveitando a oportunidade e dando início a uma conversa sobre sexualidade. Não deve levar comentários dos alunos para o lado pessoal, nem se sentir agredido por eles. As crianças não agem assim para agredir, na verdade, elas apenas manifestam seu desejo de saber mais sobre o tema ou conhecer a posição do adulto.

Segundo Parra (2002, p. 24),

ao atuar como um profissional a quem compete conduzir o processo de reflexão, que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, o professor pode ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas.

O professor, assim como o aluno, possui expressão própria de sua sexualidade, que se traduz em valores, crenças, opiniões e sentimentos particulares.

De acordo com Parra (2002, p. 24),

Uma das barreiras à Orientação Sexual na escola é o distanciamento professor-aluno. Para haver um trabalho significativo, é imprescindível que se estabeleça entre alunos e professores uma relação de confiança e amizade. As crianças dificilmente expressarão suas dúvidas e curiosidades de forma clara e objetiva, ao temerem a reação do professor. Para isso, o professor deve se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor sobre as colocações feitas pelos alunos e responder as perguntas de forma direta e esclarecedora. Informações corretas, do ponto de vista científico ou esclarecedoras sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem-estar e tranquilidade, para uma maior consciência de seu próprio corpo.

A sexualidade acompanha qualquer criança e sua demonstração será particular a cada uma, sendo que aos educadores cabe conhecê-la, respeitá-la, conduzi-la de forma adequada, sem estimulação nem repressão e tendo sempre em mente uma auto-reflexão de sua própria sexualidade.

De acordo com Parra (2002, p. 25), há algumas dicas que os professores deveriam seguir ao trabalhar a sexualidade:

- Oferecer à criança experiências que possibilitem o desenvolvimento de capacidades tanto físicas quanto emocionais; que estimulem o respeito às diferenças; que ofereçam a brincadeira como principal meio de que a criança dispõe para conhecer o mundo, e desenvolver uma imagem positiva de si mesma.
- O espaço deve ser rico em elementos que transmitam confiança, liberdade e ludicidade, onde se possa resgatar o prazer de ensinar, despertando o prazer de aprender. Deve ser propício à vivência de situações lúdicas diárias. A sexualidade está presente e faz parte da nossa vida;
- A sexualidade infantil não contém os mesmos componentes e interesses que a sexualidade adulta;
- Pode ser vista como a força que nos permite ter idéias, desejar ser amado e valorizado à medida que aprendemos a amar e a valorizar o outro.
- Buscar o desenvolvimento integral da criança com a discussão e compreensão da sexualidade ocorrendo de modo sistemático e permanente. Não há vivência da cidadania plena se as manifestações da sexualidade infantil, adolescente e adulta não são compreendidas e consideradas;
- A sexualidade humana é parte integrante e indissociável da pessoa, não implicando, necessariamente, em seu aspecto reprodutivo.
- Conteúdos: história de vida; esquema corporal; história do nome; integração família-escola; história que enfoquem diferentes etapas de crescimento; exploração dos sentidos; ritmo, equilíbrio, psicomotricidade.

CONCLUSÃO

Verifica-se a partir deste trabalho de leitura sobre o tema que a orientação sexual na escola, é muito delicado e ainda existem tabus a vencer, além do que se torna essencial que a Escola tenha uma parceria bem estruturada com os pais. A escola consegue essa parceria ao mostrar a importância da Orientação Sexual para um desenvolvimento saudável. Certamente surgirão os que são contra por achar que tocar no assunto pode antecipar o início da vida sexual ou que o tema não é do âmbito da escola. Assim, a escola deve esclarecê-los sobre as manifestações mais comuns em cada faixa etária.

Os pais às vezes, enxergam as manifestações dos filhos sobre sexualidade com medo. Mas, devem agir naturalmente com cada situação que vem dia-a-dia. Para que a criança conviva de forma saudável com as questões ligadas ao sexo, tanto pais quanto professores devem ajudá-la a entender o que se passa em cada momento da vida. Por isso, desde a Educação Infantil, é fundamental tratar as manifestações com naturalidade, sem julgá-las usando parâmetros de adultos. Desde a infância, atos e palavras são fruto da curiosidade e do prazer, mas nem sempre têm conotação erótica ou envolvem o desejo de consumir o ato sexual.

Na Educação Infantil, as crianças costumam andar pelados, se masturbar, tocar e morder colegas. Nenhuma dessas ações devem ser repreendidas, mas desde que haja limites. Portanto, a Escola deve agir com atividades gostosas e fáceis de lidar para mostrar as crianças que a sexualidade deve ser vista como algo natural, como algo que ocorre com todas as pessoas.

Para professores e alunos ficarem à vontade na Escola ao se comentar, esclarecer sobre a sexualidade, o ponto-chave é o respeito à privacidade.

Considera-se, importante ressaltar que compreende-se os materiais como instrumentos que podem facilitar o processo de aprendizagem, sendo o professor o principal responsável pelo ensino, dirigindo, orientando, auxiliando e dando vida a todos os meios auxiliares. De nada vale materiais riquíssimos em didática para se trabalhar a sexualidade, se o professor se sentir “fechado”, constrangido com o que ele tem em mãos.

É necessário que o educador tenha conhecimento de que as manifestações da sexualidade infantil constituem-se em aspectos naturais e integrantes do desenvolvimento humano. Mas, não somente o educador, a família também, para que haja uma parceria rica entre estas duas instituições.

Os profissionais da educação também devem estar atentos às diferentes formas de expressão dos alunos, que podem significar uma necessidade não verbalizada de discussão e compreensão de algum tema condizente à sexualidade.

Portanto, na tentativa de se caminhar para uma educação coerente, a qual aspira formar cidadãos, pretende-se demonstrar que a implantação do trabalho de Orientação Sexual na escola é relevante, no sentido de informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J. G. Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

BARDI, J. Produção de materiais didáticos para temas de orientação sexual na séries iniciais do ensino fundamental. Relatório de Instrumentação. Instituto de Biociências . Unesp. Botucatu, 2004.

BEE, H. A criança em desenvolvimento. São Paulo: Harbra, 1986.

BOSSA, N. A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2004.

BRENNER, C. Noções básicas de psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

CHAUÍ, M. Repressão sexual: essa nossa (dês) conhecida. São Paulo: Brasiliense, 2002.

CORDEIRO, M. O desenvolvimento da sexualidade infantil. Revista Pais e Filhos. 8 de maio, 2009.

FREUD, S. Três ensaios sôbre a teoria sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

GENTILE, P. Eles querem falar de sexo. Revista Nova Escola. n. 191, abril de 2006.

GOLEMAN, I. Educação sexual na escola: mito e realidade. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

GTPOS, ABIA, ECOS. Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia. 4ª ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 1994.

KAPLAN. H.S. Enciclopédia Básica de Educação Sexual. Rio de Janeiro: Record, 2003.

KUPFER, M. C. Freud e a educação: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989.

LOURO, G. L. Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTINS, A. R. O assunto é sexo: e é sério. Revista Nova Escola. n. 214, agosto de 2008.

- MAYLE, P.; ROBINS, Arthur e WALTER, Paul. De Onde Viemos? São Paulo: Nobel, 1999.
- NUNES, A. G. A sexualidade em casa. Nova Escola:a revista de quem educa. S. P. Editora Abril, n. 191, abr. 2006.
- NUNES, C. Desvendando a Sexualidade. 2. ed. Campinas: .Papirus, 1997.
- PARRA, N. Caminhos do ensino. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002
- PEREIRA, P. C. Sexologia Aplicada à Psicanálise. Rio de Janeiro: Isbn, 2003.
- RIBEIRO, P.R.M. Educação Sexual além da Informação. São Paulo: EPU, 1990.
- SCHMITZ, E. Fundamentos da Didática. 7. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1993
- SUPLICY, M. Conversando sobre sexo. 16. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.
- _____. Educação e orientação sexual. In: RIBEIRO, Novas idéias: novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- TIBA, I. Quem ama educa. 38.ed. São Paulo: Editora Gente, 2006.
- YUS, R. Temas transversais: em busca de uma nova escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ANEXO

Sugestão De Materiais Didáticos Para Se Trabalhar A Sexualidade Na Educação Infantil E No Ensino Fundamental (BARDI, 2004, p. 43-48)

1) Bonecos:

1 boneco de 20 x 30cm com contorno do corpo masculino confeccionado em EVA laranja;

1 boneco de 20 x 30cm com contorno do corpo feminino confeccionado em EVA laranja.

Proposta de utilização: apresentar os bonecos e distribuí-los aos alunos, pedindo para que eles decidam sobre as características físicas de cada boneco completando-o. Disponibilizar para isso lápis de cor, giz de cera, e outros materiais para que as crianças possam desenvolver a atividade.

O professor pode aproveitar o momento para abordar temas como imagem corporal, preconceitos e auto-estima e algumas diferenças entre homens e mulheres. Os bonecos podem ser adotados ao longo de todo o trabalho e utilizados juntamente com os outros materiais como um personagem através do qual o professor pode abordar os diferentes temas propostos e os alunos podem expor suas dúvidas sem constrangimentos.

2) Figuras de homens, mulheres e crianças: impressas em “glossy-paper” retratando a diversidade de homens, mulheres e crianças, sendo :

- Figuras de crianças;
- Figuras de mulheres;
- Figuras de homens.

Proposta de utilização: as figuras podem ser utilizadas no início da aula para o professor comentar a diversidade entre as pessoas. Feito a primeira exposição, sugerimos que o professor peça para que as crianças procurem, recortem e montem um cartaz como figuras de homens, mulheres e crianças. Para isso é preciso disponibilizar revistas e jornais. Quando os trabalhos estiverem prontos o professor pode montar uma exposição na classe. A partir das figuras e dos cartazes produzidos pelos alunos o professor pode desenvolver a idéia de que os corpos das pessoas diferem em vários aspectos, mostrando que cada pessoa tem um jeito e um corpo diferente e que todos os corpos são especiais e têm beleza. Pode, ainda, apontar algumas diferenças e semelhanças entre homens e mulheres.

3) Painéis:

- Painel 1: Uma figura com 90 x 80 cm contendo uma menina e uma mulher, mostrando os órgãos sexuais internos e a anatomia interna da mama esquerda e os órgãos sexuais externos.

Assim como as características sexuais secundárias femininas;

- Painel 2: Uma figura com 90 x 80 cm contendo um menino e um homem, mostrando os órgãos sexuais internos e externos e as características sexuais secundárias masculinas.

Proposta de utilização: sugere-se ao professor expor os painéis e apontar as características dos corpos, mostrando que eles diferem em alguns aspectos e se assemelham em outros. É importante que o professor, através de perguntas, tente perceber o que as crianças pensam a respeito das diferenças entre os sexos e utilize os conhecimentos e as dúvidas durante as discussões. O objetivo desse material é desenvolver o tema sobre desenvolvimento do corpo, mostrando as semelhanças e diferenças entre o corpo dos adultos e das crianças e tratar da ideia das diferenças físicas e fisiológicas entre os sexos.

4) Figuras do aparelho reprodutor masculino e feminino interno:

- 2 figuras impressas em “glossy-paper” A4 mostrando a porção interna dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos.

Proposta de utilização: estas figuras podem ser utilizadas em dois momentos: primeiro para auxiliar o entendimento da porção interna dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos quando o professor estiver utilizando os painéis; e quando o professor for utilizar o modelo de concepção para explicar onde os gametas são produzidos. Seria interessante se o professor disponibilizasse as figuras para que os alunos possam pintá-las e arquivá-las.

5) Modelo de concepção:

- 1 suporte de madeira com esquema em alto relevo do aparelho reprodutor feminino interno com 65 x 50 cm, mostrando o útero, os ovários, as tubas uterinas e uma porção da vagina;
- 20 espermatozoides grandes com imãs;
- 1 óvulo com imã;
- 1 zigoto com imã;
- estágios embrionários de 2, 4 e 8 células com imãs;
- imãs para fixar as peças ao suporte de madeira,
- 1 imã grande para movimentar as peças;
- 1 suporte de madeira com um óvulo grande e com espermatozoides ao redor.

Proposta de utilização: O professor pode iniciar explicando quais as partes do aparelho reprodutor que estão representadas no modelo. É importante que o professor situe os alunos quanto à posição do aparelho reprodutor no corpo da mulher para que eles tenham uma visão integrada do corpo. O professor pode, então, utilizando as figuras do aparelho reprodutor masculino mostrar aos alunos onde os espermatozoides são produzidos e que para que um bebê seja formado eles precisam ser colocados dentro do corpo da mulher. A partir daí, utilizando as peças do modelo o professor pode explicar como se processa a fecundação e o desenvolvimento inicial do embrião dentro do útero da mãe. É importante que o professor utilize o suporte com o óvulo e com os espermatozoides para mostrar a proporção entre eles. Deve ainda enfatizar que todas as estruturas mostradas no modelo foram aumentadas para permitir a visualização.